

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO NA CIÊNCIA NA MODERNIDADE BURGUESA

Marlon Garcia da Silva ¹

Resumo:

O texto retoma e discute teses defendidas por György Lukács na obra *A peculiaridade do estético*, de 1963, no âmbito do que o autor denomina como reflexo desantropomorfizador da realidade, cujas formas germinais encontram-se, a seu ver, no trabalho e na vida cotidiana, e são desenvolvidas e potencializadas no campo da ciência, no evolver contraditório dos processos históricos de produção e reprodução social. Para o autor, a medida das capacidades do reflexo desantropomorfizador está ligada às forças produtivas sociais, ao patamar alcançado pelo desenvolvimento do trabalho e da ciência de um determinado período, numa imbricação às concepções de mundo e às relações sociais contraditórias que atravessam e se articulam a essas bases materiais específicas. O exame da sociedade burguesa atesta avanços avassaladores de capacidades, forças e meios de produção no socio-metabolismo da indústria com a natureza, sob o comando do capital, para o que concorrem os avanços da ciência, em relações nas quais se torna cada vez mais necessário e também mais difícil ocultar as contradições sociais de base desses processos, estruturados desde as relações da propriedade privada dos meios e das condições gerais da produção.

Palavras-chave: Ciência, Método, Ontologia, Marxismo, Desantropomorfização.

THE CONTRADICTORY PATHS OF THE DESANTHROPOMORPHIZATION OF THE REFLEX IN SCIENCE IN BOURGEOIS MODERNITY

Abstract:

The text guides and discusses the theses defended by György Lukács in his 1963 work *The Especificity of the Aesthetic*, in the context in which the author calls the deanthropomorphizing reflex of reality, whose germinal forms are found, in his view, in work and daily life, and are developed and enhanced in the field of science, in the contradictory evolution of the historical processes of production and social reproduction. For the author, the measure of the capacities of the deanthropomorphizing reflex is linked to the social productive forces, to the level reached by the development of work and science in a certain period, in an imbrication with the conceptions of the world and the contradictory social relations that run through and are articulated with these specific material bases. An examination of the bourgeois society reveals overwhelming advances in capacities, forces and means of production in the social-metabolism of the industry with nature, under the command of capital, to which advances in science contribute, in relations in which it becomes increasingly necessary and also more difficult to hide the basic social contradictions of these processes, structured from the relations of private property of the means and the general conditions of production.

Keywords: Science, Method, Ontology, Marxism, Desanthropomorphization.

¹ Graduado em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista/ UNESP, mestre e doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina/ UFSC. Graduando em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais/ UFMG, pós-graduado lato sensu em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto/ UFOP-MG. Atualmente é Professor Adjunto do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto/ UFOP-MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1574-7732>. E-mail: marlon.silva@ufop.edu.br.

Introdução

György Lukács (1885-1971), autor das teses ora apresentadas e discutidas, tem uma vasta e complexa obra que atravessa o século XX, com a publicação de livros e ideias seminais e influentes sobre a filosofia do período, entre os quais podem ser mencionados, entre muitos outros, *A Alma e as formas* (1911), *A teoria do romance* (1916), *História e consciência de classe* (1923), *O romance histórico* (1936), *A destruição da razão* (1952), *A peculiaridade do estético* (1963), e *Para uma ontologia do ser social* (vinda a público postumamente, pela primeira vez em 1976).

É muito difícil que alguém seriamente interessado em filosofia contemporânea não tenha se deparado em algum momento com algum desses livros, o que, em parte, se explica pela abrangência de elaborações que tomam, desenvolvem e repercutem com originalidade universos filosóficos principais, matriciais e diversos do pensamento moderno.

Certamente mais polêmica e, a nosso ver, mais explicativa, é a ponderação de que a obra do autor reflete e expressa como poucas os dramas do evolver contraditório da sociedade contemporânea, seja nos escritos, por assim dizer, de juventude, em posições, por exemplo, “anticapitalistas românticas”, seja em sua complexa fase marxista, na qual o autor busca situar o ser e o destino da sociedade burguesa e suas expressões ideológicas numa perspectiva histórica ampla, colocando em questão seus fundamentos e o seu “de onde para onde”.

O objeto do presente texto encontra-se em reflexões filosóficas do Lukács tardio, mais precisamente, na sua obra intitulada *A peculiaridade do estético*, de 1963, cujos dezesseis capítulos e quase duas mil páginas são em grande medida ignorados pela filosofia acadêmica contemporânea, ignorância justificada, na maioria das vezes, por argumentos extrínsecos àqueles propriamente teóricos ou epistêmicos, quer dizer, por argumentos de fundo ideológico.

No intento de apreender o lugar do princípio estético no quadro geral das atividades humanas, as referências tomadas pelo autor podem ser consideradas inusitadas para a filosofia acadêmica tradicional. Antes de tudo, as chamadas “atividades espirituais” do homem não são tomadas, por exemplo, como “entidades da alma” (Lukács, 2014, p. 24), mas como predicados e capacidades constituídos e desenvolvidos nos processos de humanização, na história, quer

dizer, são formas específicas de elaborar e responder subjetiva e praticamente às questões postas pelo mundo natural e social.

Pode-se considerar que a peculiaridade da forma da atividade é uma chave da qual se vale o autor para avançar pelo discernimento da estrutura categorial que especifica o humano no âmbito das grandes estruturas do ser, no alinhamento a posições filosóficas que reconhecem a primazia dessas grandes estruturas da realidade, das suas categorias e da unidade material do mundo perante as formas da consciência que emergem e que se desenvolvem sobre essas bases materiais irrevogáveis.

Assim, nos movimentos teóricos e nos capítulos que abrem a referida obra, salta à vista o interesse filosófico nas investigações sobre a peculiaridade das chamadas formas do reflexo da realidade, quando um veio principal do pensamento consiste em comparar as formas de reação e respostas características e distintivas de animais e de homens ao seu entorno, ante os imperativos da produção e da reprodução da vida. O que se constata pelas referências explícitas e enérgicas ao “princípio teleológico”, à “teleologia” (Lukács, 1967, p. 39) como categoria decisiva que dispara, distingue e peculiariza as atividades humanas, na superação das formas imediatas e, por assim dizer, automáticas, de respostas determinadas biológica e instintivamente em sentido estrito.

Mas o interesse do autor nessas investigações vai bem mais longe, voltando-se à diferenciação interna das formas do reflexo da realidade, das capacidades teleológicas, do comportamento e da atuação humana sobre o mundo, no evolver dos processos de produção e reprodução social, na constituição de campos que vão se diferenciando, peculiarizando e adquirindo uma autonomia relativa, para responder a necessidades sociais específicas, como é o caso dos campos da ciência e da arte.

Ao tratar dessas formas de diferenciação interna, Lukács considera que a vida cotidiana constitui o solo no qual emergem e no qual se consumam as formas superiores do reflexo da realidade e das objetivações humanas, ou seja, formas mais abarcadoras de mediações da realidade natural e social, em contraponto àquelas próprias da vida cotidiana, characteristicamente mais imediatas e ligadas a objetivações menos enérgicas, menos fixadas, mais abertas.

Essas referências introdutórias bastante gerais ajudam a balizar os fundamentos, o enquadramento e a abordagem que segue sobre o princípio da desantropomorfização do reflexo

da realidade. Assim, o reflexo desantropomorfizador será considerado: i) em suas formas germinais, desde o trabalho e a vida cotidiana; ii) em seus processos de diferenciação, desde duas referências “capitais” (Lukács, 1967, p. 171) quais sejam, o grau de racionalização da prática, relacionado a concepções de mundo; iii) por algumas considerações breves e aproximativas dos avanços contraditórios do reflexo desantropomorfizador na ciência na Idade Moderna, quando serão feitas referências às obras seminais de Francis Bacon e de Galileu Galilei, e também a reflexões que tangenciam, retomam e demarcam contribuições teóricas de Karl Marx, no âmbito das contribuições coligidas e aportadas por György Lukács.

1. Formas germinais do princípio da desantropomorfização: trabalho e vida cotidiana

As formas germinais do princípio da desantropomorfização do reflexo da realidade podem ser localizadas no trabalho e na vida cotidiana. Ocorre que nessas duas instâncias fundamentais da construção da existência social impõem-se imperativos da reprodução subjetiva de categorias e nexos categoriais objetivos, inscritos na realidade, sendo esta uma condição primária de possibilidade de interações intencionadas, em alguma medida exitosas, perante os fenômenos do mundo externo.

Uma diferenciação importante, matricial, que Lukács faz no arranque das suas investigações sobre as categorias sociais na obra *A peculiaridade do Estético*, de 1963, parte de comparações entre as formas do reflexo, do comportamento e da atuação próprias dos seres humanos, e as formas do reflexo, do comportamento e da atuação próprias dos animais, tendo em vista, no segundo caso, especialmente, as formas mais complexas e desenvolvidas do reflexo nos animais superiores. Um tipo de procedimento, note-se, cuja razoabilidade é sustentada e confirmada por vias, por assim dizer, “empíricas”. Essas comparações, para além do que há de comum entre ambas as formas de ser, abrem para a apreensão e determinação de diferenças e categorias específicas, sendo o princípio teleológico reconhecido como um princípio distintivo, determinativo, orientador da atividade dos seres humanos, um princípio que dispara a forma de ser do humano.

A categoria da teleologia responde, pois, pela superação da relação imediata com o mundo, pela capacidade de dominar e de instaurar subjetiva e praticamente mediações na realidade, na instituição de um mundo propriamente humano.

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

De acordo com essas teses, reflexo, no caso humano, não corresponde, pois, a espelhamento mecânico, automático, de categorias da realidade, implicando, antes, capacidades de seleção e escolha conscientes, intencionadas, de descoberta e atualização de possibilidades e potencialidades inéditas, “latentes” (Marx, 2013, p. 188), para lembrar as palavras de Marx, no seio da natureza, numa expressão de predicados e atributos inexistentes no mundo animal, e na natureza de modo geral.

Para o autor, um traço característico fundamental das formas do reflexo na vida cotidiana é uma relação mais imediata da subjetividade com o mundo, da consciência com o ato, da teoria com a prática. Em contraponto, tanto ciência quanto arte se caracterizam como formas de reflexo mais mediadas, quer dizer, que percorrem, portam, apreendem, repõem e lidam com mais mediações da realidade.

Tendo em vista essa relação mais curta e mais direta do pensamento com ação, da subjetividade com o mundo, da teoria com a prática, pode-se afirmar que as objetivações da vida cotidiana se caracterizam como objetivações menos enérgicas, menos fixadas, mais fluidas, mais abertas, menos precisas. Por outro lado, em contraste, ciência e arte vão se constituindo, se diferenciando, se peculiarizando como formas do reflexo e como campos de atuação, de objetivações e realização de processos e produtos, por assim dizer, mais determinados, mais fechados, mais enérgicos. Nesse sentido, tratam-se de formas superiores de reflexo e objetivação da realidade, formas que vão se constituindo na história, no adensamento dos processos de humanização, de produção e reprodução social.

Estas são algumas referências importantes para aproximação e entrada no tópico da desantropomorfização do reflexo da realidade na ciência.

Antes de avançar por referências mais concretas, quando o autor incursiona por duas situações históricas que ele considera exemplares de avanços tendenciais e contraditórios do reflexo desantropomorfizador, convém fazer algumas considerações gerais, breves, aproximativas, sobre os conceitos de antropomorfização e de desantropomorfização do reflexo da realidade.

Como dito, tem-se em consideração que as formas germinais do reflexo antropomorfizador e do reflexo desantropomorfizador da realidade podem ser localizadas no trabalho e na vida cotidiana.

Na estrutura categorial da *Estética*, fica bem estabelecido que o trabalho traz *in nuce*, em gérmen, de forma latente, dinâmicas e categorias que vão se desdobrando e se expandindo nos processos de humanização, de produção e reprodução social.

Como processo teleológico, o trabalho implica que em algum grau, em alguma medida, quando se tem a busca e a pesquisa dos meios, e quando se tem a prévia ideação ou projeção de um fim orientador da atividade, que as categorias da realidade sejam subjetivadas, sejam apreendidas subjetivamente.

Esta é uma referência importante para destacar e enfatizar que já nas formas mais fundamentais e elementares do processo de trabalho, na interação consciente, transformativa, intencionada, com a natureza, com o mundo externo, há essa exigência da subjetivação da objetividade, portanto, a exigência de que conteúdos, por assim dizer, do “não antropos”, sejam reproduzidos idealmente, sejam subjetivados. O trabalho traz energicamente, sob pena de não se ter eficácia na realização do por teleológico, na produção de algo útil, esse imperativo do reconhecimento da realidade, das categorias, nexos e forças da realidade.

O autor faz uma clara diferenciação desses dois princípios ou formas do reflexo da realidade, nos seguintes termos: “antropomorfização e desantropomorfização se separam precisamente neste ponto: ou se parte da realidade objetiva, levando à consciência seus conteúdos, suas categorias, etc., ou tem lugar uma projeção de dentro a fora, do homem à natureza” (Lukács, 1967, p. 226-227).

O trabalho já atesta, pois, esses imperativos e exigências de um reflexo principalmente e tendencialmente desantropomorfizador. E o trabalho também pode ser tomado, por outro lado, como uma referência matricial para os movimentos reflexivos de projeção de experiências internas no mundo externo, ou seja, de um reflexo de tipo antropomorfizador, na medida em que nele tem-se a dação de forma humana ao mundo externo.

Tem-se então essa diferenciação, na qual do afora ao adentro, vige a referência forte do “não antropos”, do “desantropos”, dos conteúdos do mundo, da realidade, dos traços e caracteres próprios do objeto, que precisam ser conhecidos, capturados, apreendidos, intronizados, subjetivados, como condição de possibilidade de uma interação transformativa, consciente, intencionada, teleológica, ante essa materialidade existente em si, na produção de algo novo no mundo.

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

Por outro lado, podem ser identificadas aí também as formas germinais da antropomorfização, que, como visto acima, correspondem a projeções de experiências internas no mundo externo, especificamente, em situações sociais e subjetivas de transferência de caracteres, atributos e formas próprias do mundo humano para o mundo externo.

Mas antes, nesse tangenciamento, nesse tateio aproximativo às formas específicas do reflexo, quando se consideram as formas próprias do reflexo na vida cotidiana em sentido amplo – nas quais, como referido linhas acima, uma característica marcante, decisiva, é a relação mais imediata entre teoria e prática, entre subjetividade e mundo, muitas vezes, inclusive, em formas de respostas orientadas por reflexos condicionados, em comportamentos e atividades de caráter, por assim dizer, automatizados, pragmáticos, que percorrem cadeias curtas de mediações, em respostas a necessidades e imperativos correspondentes às vicissitudes e necessidades de reprodução mais diretas da vida na órbita das contingências, da pessoalidade –, já nesse nível das formas cotidianas do reflexo se impõem também exigências e imperativos de reconhecimento da materialidade do mundo, no âmbito do que pode ser identificado como um não materialismo espontâneo.

A favor dessa tese, o autor faz algumas provocações, como por exemplo, num momento em que, tratando da peculiaridade do reflexo cotidiano, e polemizando contra tendências filosóficas do idealismo, mais precisamente, do idealismo subjetivo, ele afirma que mesmo um convicto idealista subjetivo está obrigado na vida cotidiana a reconhecer e a lidar com a materialidade do mundo, do trânsito, dos automóveis, etc. Nesse sentido, também é o “não antropos”, quer dizer, são os conteúdos do mundo, da realidade, que no nível do reflexo cotidiano dirigem exigências a um comportamento – e não importa aqui que num nível imediato – espontaneamente materialista, um comportamento que respeita essa objetividade, essa materialidade e esse devir, sob pena de consequências danosas para a segurança, para a manutenção e a reprodução da vida.

É, pois, interessante chamar a atenção para as formas germinais desse tipo de reflexo desde o trabalho, desde a vida cotidiana, na contramão de preconceitos gnosio-epistêmicos e ideológicos típicos do pensamento moderno e contemporâneo.

Por outro lado, tendo em vista essa referência da peculiaridade do reflexo cotidiano, essa marcação de uma forma do reflexo characteristicamente mais imediata, é claro que essa esfera da vida se mostra também mais propensa ao que o autor vai chamar em considerações

posteriores de reificações espontâneas ou ingênuas, e reificações estranhadas e estranhantes, na forma da sociedade.

Aparentemente, aos sentidos físicos do antropos, o sol “se move”, “o sol nasce”, “o sol se esconde”, nos termos de uma linguagem ela própria já antropomorfizada, em projeções externas, a processos físicos, de experiências internas, projeção e transferência de propriedades e atributos da vida orgânica e da vida social à estrutura material objetiva e à dinâmica do ser inorgânico.

Assim, a desantropomorfização tem, no sentido aqui referido, sua forma germinal no cotidiano, nos imperativos de atuar na vida se orientando, em alguma medida, pelas categorias da realidade, quer dizer, “desde fora”, e não “desde dentro”, arbitrariamente. Por outro lado, quando se tem em vista as antropomorfizações que surgem da relação mais imediata da subjetividade com o mundo na vida cotidiana, constata-se que o ser humano se encontra até certo ponto desarmado, desinstrumentado, por assim dizer, para superar a aparência fenomênica, muitas vezes ocultadora, enganadora, inversora, cósica, dos processos da realidade, nesse âmbito da vida social. Este é um ponto chave para se considerar as necessidades sociais da constituição e da consolidação de formas do reflexo, do comportamento, da atuação humana no mundo capazes de percorrer e dominar âmbitos, circuitos e cadeias mais abrangentes de mediações e processos da realidade.

2. Racionalização da prática e concepções de mundo

Avançando para outra referência também mais geral em movimentos aproximativos da peculiaridade dos princípios do reflexo aqui tomados por objeto de análise, Lukács estabelece que o dimensionamento dos avanços das capacidades e das potencialidades do reflexo desantropomorfizador é dado pela medida do desenvolvimento do trabalho e da ciência de um período determinado, da racionalização da prática, do patamar de domínio subjetivo e prático dos fenômenos e dos processos da natureza e da sociedade, quer dizer, das capacidades e das forças produtivas sociais, constituídas e consolidadas em certas circunstâncias.

Trata-se, nos termos do autor, de uma primeira e fundamental “corrente capital” e decisiva para a determinação das capacidades desantropomorfizadoras que vão sendo engendradas e consolidadas nos processos de humanização, nos processos tendenciais de recuo

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

de barreiras e constrangimentos naturais, que se expressam, por outro lado, como avanços de categorias sociais.

Uma segunda “corrente capital” para se entender o patamar, a potência e o grau de alcance do reflexo desantropomorfizador da realidade reside no que o autor identifica como a capacidade de dada sociedade de suportar as generalizações que advém desses processos de base, o que remete, numa palavra, às concepções de mundo forcejadas desde essas bases sócio-materiais determinadas. Esse chão mais fundamental das capacidades produtivas sociais pode e será situado dentro de uma imagem cósmica, de uma concepção de mundo.

Numa outra direção, cabe acrescentar que o autor trata também das repercussões dessas duas “correntes capitais” sobre aquelas que são, por assim dizer, as sínteses máximas de todas essas ordens determinativas histórico-sociais: as próprias individualidades humanas. Tem-se em vista aqui o rebatimento e os impactos dessas duas correntes capitais, principalmente quando a análise vai avançando na direção da sociedade moderna, sobre o sentimento vital dos indivíduos sociais, que não podem ser separados do ser social, assim como também não se pode, por outro lado, fixar a sociedade como uma abstração frente ao indivíduo: o indivíduo é o ser social.

A partir, pois, de certas referências razoáveis, de certas “abstrações razoáveis”, como as que estão sendo aqui tangenciadas, é possível considerar razoavelmente que quanto mais se tem em vista e em consideração situações sociais com objetivações mínimas e, portanto, quanto mais se tem em vista processos de racionalização da prática e de desenvolvimento do trabalho e da ciência incipientes ou germinais, mais se impõem tendências, no que diz respeito à aludida “segunda corrente capital”, à projeção de experiências internas parcias e incipientes no mundo externo, experiências, por assim dizer, socialmente rarefeitas, o que, nesse sentido, concorre para a formação de representações e de formas de consciência antropomórficas, antropomorfizantes, a concepções de mundo de tipo transcendentais.

No caso, os fenômenos e os processos da natureza não dominados subjetiva e praticamente com as forças sociais, próprias, estão nas bases determinativas desses tipos de projeções externas e conformações antropomorfizadoras, onde uma chave principal é, reiterese, a incipiência das experiências consolidadas internamente, o baixo grau de racionalização da prática.

Se, por outro lado, em sentido oposto, se tomam e consideram situações sociais mais complexas, se a referência é, por exemplo, a sociedade burguesa e o capitalismo, tendo em vista a aludida “primeira corrente capital”, qual seja, a que remete ao patamar do desenvolvimento do trabalho e da ciência de um período, nesse sentido tem-se um âmbito muito mais estreito para projeções antropomorfizantes, pelo menos no que tange às capacidades de racionalização da prática.

As forças e os influxos dessa “primeira corrente capital”, contudo, não bastam para impor o predomínio de tendências desantropomorfizadoras mais abrangentes sobre a vida social moderna, no capitalismo, na sociedade burguesa. Pelo contrário, as tendências antropomorfizadoras ganham campos e formas de vigência novas, diversas e, em certo sentido, mais intensas, nessa sociedade mais complexa.

Para enfrentar essas questões, convém ponderar aqui outra generalidade bastante abrangente, tendo em vista o que há de comum entre ambas as situações sociais referidas, sejam aquelas mais recuadas, sejam aquelas mais avançadas, nos processos de produção e reprodução social.

Pode-se ressaltar que em nenhuma delas há um protagonismo humano bastante para que, com forças próprias, os seres humanos sejam capazes de superar as formas de reflexo, de representação e de consciência, por assim dizer, fetichizadas. Nesse sentido, pode-se considerar que sempre que há forças, sejam naturais, sejam sociais, não subordinadas aos desígnios e ao domínio subjetivo e prático humano, abrem-se as portas para as projeções antropomorfizantes de tipo transcendental, desde as formas da magia e da religião em períodos mais remotos, até as formas e forças objetivas e objetivadas, socialmente postas, como, no capitalismo, a mercadoria, o dinheiro, o capital, expressivos dos imperativos da valorização da valor, de todo modo, na consolidação de inversões e formas fetichizadas nas quais os produtos dominam os produtores, os criadores são dominados por suas próprias criaturas.

3. Do Renascimento à constituição da Idade moderna: pujança socio-material, revolução científica e repercussões sobre as concepções de mundo

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

Partindo agora para algumas considerações na direção da abordagem que o autor faz da desantropomorfização do reflexo da realidade na Idade Moderna, vale ressaltar que o autor toma por referência duas situações sócio-históricas concretas, exemplares e ilustrativas do que ele identifica como períodos de avanços contraditórios do reflexo desantropomorfizador na ciência, sendo que a primeira delas remonta à Antiguidade, mais precisamente, ao caso grego, e a segunda, da constituição à consolidação da chamada Idade Moderna.

Tendo em vista a Grécia Antiga do chamado período clássico, o autor vai identificar nos avanços contraditórios do reflexo desantropomorfizador nessas circunstâncias uma “revolucionária grandeza” e, ao mesmo tempo, uma “problemática sem solução” (Lukács, 1967, p. 159). O que se liga ao caráter fundamental de uma sociedade escravista que, por um lado, possibilita, por exemplo, a liberação de forças sociais de uma parte minoritária de homens para a especialização na divisão social do trabalho, em atividades, por assim dizer, intelectuais. Ao mesmo tempo, nessas relações, a própria sociedade escravista coloca limites para avanços do reflexo desantropomorfizador na ciência, quando se tem em vista, por exemplo, a hierarquização aí estatuída entre atividades materiais e atividades espirituais, entre as atividades e os produtos das mãos e os da cabeça, com uma afirmação da superioridade dos segundos em relação aos primeiros, num desprezo que se traduz em resistências a que avanços do reflexo tendencialmente desantropomorfizador retornem sobre e potencializem as necessidades da produção material.

A intenção consiste em buscar apreender traços desse reflexo desantropomorfizador, numa circunstância social que consolida uma dimensão qualitativa distinta daquelas formas mais germinais e mais gerais, referidas anteriormente, localizadas no trabalho e na vida cotidiana. Quer dizer, o que se tem em vista são os imperativos de um elevar-se para além das formas de reflexo, de intuição, de representação, de consciência, de pensamento, cotidianas, num nível principal, de comportamento, de instrumentação e de método, num sentido, pois, qualitativamente diverso, potencializado, adentrando o campo que vai se diferenciando e peculiarizando no âmbito do reflexo científico da realidade.

O autor tem em vista aqui como avançam processos racionais, em intentos já enérgicos de uma explicação terrenal, cismundana, imanente, da realidade e das suas categorias. Ele pondera, entre outras coisas, que “a linha principal é a fundação de uma objetividade real do conhecimento, separação do subjetivismo, crítica das ilusões perceptivas, dos paralogismos,

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

da imediatez do pensamento cotidiano que produz esses erros” (Lukács, 1967, p. 153). Ainda nas palavras do autor: “seja o fogo, a água etc. o definido como uma substância universal, da qual se derivam e pela qual devem explicar-se os fenômenos da realidade, seja o descoberto uma contrariedade do repouso que aspira à objetividade, ou uma contrariedade dialética do movimento com a mesma aspiração” (Lukács, 1967, p. 153-154).

O autor discorre sobre esses intentos, ponderando que um ponto exemplar, culminante, nessa direção, pode ser localizado no atomismo de Demócrito e de Epicuro, nos quais “todo o mundo fenomênico é concebido como produto segundo leis das relações e movimentos das partes essenciais da matéria” (Lukács, 1967, p. 154).

Essas reflexões traduzem tendências de desantropomorfização tanto do sujeito como do objeto do conhecimento: do sujeito, no sentido de “um comportamento a respeito da realidade”, no “criticar as próprias intuições, representações etc.”, e do objeto, na tendência a “limpar o seu em si de todos os acréscimos do antropomorfismo” (Lukács, 1967, p. 154).

Tem-se em vista como se avançam, no período, conhecimentos nos campos da matemática, da geometria, da astronomia, entre outros campos que vão se diferenciando e peculiarizando, ou seja, como avança o reflexo de caráter desantropomorfizador, quer dizer, como que certos aparatos e instrumentação intelectivos, abstrativos, e também materiais, avançam na direção da formalização das relações, dos entes e das formas de representações sensíveis.

Isto posto, cabe avançar para o tópico do texto concentrado no chamado “contraditório florescimento” do reflexo desantropomorfizador da ciência “na Idade Moderna” (Lukács, 1967, p. 171), correspondente a um interesse e abrangência que abarcam desde o período e os processos do Renascimento na Baixa Idade Média europeia e nas vias da dissolução do feudalismo, nos processos germinais de um renascimento científico e cultural ocidental, às voltas também com a denominada revolução científica, na direção do que vai se constituindo como a chamada ciência moderna.

Onde em autores e obras como as de Francis Bacon e Galileu Galilei são identificados impulsos enérgicos e qualitativos em elaborações que avançam na direção do reflexo científico desantropomorfizador.

Nas bases desses processos contraditórios de avanços tendenciais do reflexo desantropomorfizador estão as situações e as circunstâncias sócio-materiais, econômicas, de

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

avanços de forças e capacidades produtivas, o renascimento comercial e urbano, as dinâmicas do mercantilismo, portanto, imperativos de uma realidade material e cultural mais pujante, mais socialmente densa, que vai forcejando e tensionando na direção de exigências de um reflexo tendencialmente desantropomorfizador, de métodos e de avanços da ciência.

Pode-se mencionar aqui a ênfase na exemplaridade da situação de Galileu Galilei, dos avanços contraditórios do reflexo desantropomorfizador da ciência na física e na astronomia, por exemplo, na abertura de um novo capítulo nas batalhas em torno do copernicanismo e na sustentação das teses heliocêntricas.

Para além das aquisições e das importantes descobertas particulares, ressaltam-se os avanços de Galileu Galilei em relação ao método, aos princípios, ao comportamento, à instrumentação, na potencialização e na abertura do pensamento a uma dimensão da realidade existente em si inacessível aos sentidos comuns, imediatos e cotidianos. O que pode ser lido no seguinte trecho do *Ensaiador* de Galilei, ao qual Lukács faz referência:

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto (Galilei, 1983, p. 130).

Retomando o que foi indicado mais acima, esses avanços de Galilei no campo da ciência, ligados às forças e capacidades produtivas sociais, à “racionalização da prática” (Lukács, 1967, p. 184), também terão impactos e repercussões sobre as concepções de mundo, sobre as representações e sobre a imagem cósmica do mundo. Onde estão em jogo, por exemplo, as disputas entre as teses geocêntricas, sustentadas pelas forças da ordem, pela tradição e pela Igreja, e as teses heliocêntricas, razoavelmente formuladas desde Copérnico e Bruno.

Avançando mais na direção da Modernidade, uma referência principal e de convergência desse transcurso multissecular, desde a dissolução do feudalismo à emergência da sociedade burguesa, é a revolução industrial, no âmago da qual encontra-se a máquina-ferramenta, a maquinaria que constitui e consolida um novo salto qualitativo nos avanços contraditórios do reflexo desantropomorfizador da realidade.

Ressalte-se, no que segue, três pontos que vêm sendo ponderados na presente argumentação.

Primeiro ponto, o reconhecimento de uma instrumentação que reposiciona e potencializa os sentidos humanos, o acesso à realidade existente em si, numa depuração tanto do sujeito quanto do objeto. Quer dizer, os apelos e chamado forte a comportamentos e procedimentos ligados à observação da realidade, à mensuração, aos experimentos, e às sistematizações e generalizações razoáveis formadas a partir daí.

Nesse âmbito têm lugar os avanços da matemática, da geometria, da física, da ciência. Aqui entram em consideração temas fortes e exigentes como o dos imperativos, no reflexo, no comportamento e na atuação científicos, da “des-subjetivização do sujeito”; o tema do “meio-homogêneo”; e o tema do que o autor denomina como o “homem inteiramente homem”, ou “ser humano inteiramente humano”, nas coligações e na expressão de uma dimensão genérica do reflexo, do comportamento e da atuação, em distinção ao “homem inteiro”, ou “ser humano inteiro”, do cotidiano, com os seus sentidos e conatos ligados à imediatez e orbitando o âmbito das contingências e da pessoalidade (Lukács, 1967).

No “ser humano inteiro”, do cotidiano, as formas da intuição e das representações estão ligadas e mais próximas à superfície aparente dos fenômenos, como no caso das percepções, representações e ideias sobre o sol, que aparentemente “se move”, “nasce”, “se esconde”, etc.

Nesses passos na direção de uma revolução científica, uma diferença decisiva de Galilei em relação à Copérnico e Bruno são as aquisições e disposições técnico-científicas que possibilitam uma potencialização dos sentidos, o surgimento de instrumentos de medição, de aferição, que vão “des-subjetivizando” as formas de representação, instrumentos de potencialização do acesso à realidade existente em si, para além de impressões, perturbações ou deturpações ligados às vicissitudes e limites do *antropos*.

Nessa inflexão, pode-se destacar o caso do telescópio, descoberto no início do século XVII e aprimorado por Galilei, como um instrumento instrutivo, ilustrativo, importante, para essa demarcação. Tem-se, no caso, a potencialização do sentido da visão, do acesso à realidade material, física, existente em si, intermediada por uma instrumentação e por um modo específico de comportamento, numa delimitação da realidade e concentração do sujeito, onde o cientista faz descobertas importantes, mediante observações e anotações regulares, sistemáticas, e avançando a partir daí pelas vias dos cálculos, da matemática, da geometria, da formalização e das generalizações dos conhecimentos etc.

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

Portanto, uma relativa “des-subjetivização do sujeito”, na medida em que os conteúdos da realidade, o em si da realidade, pode ser apreendido subjetivamente, onde os instrumentos intermedium e são decisivos para a consecução desse acesso e desses fins.

Essa “des-subjetivização” pode ser ilustrada com uma referência rápida a uma aquisição ainda mais recuada, estabelecida já nos marcantes trabalhos pioneiros de Francis Bacon em *Novum Organum*, onde, de forma singela e potente, ele afirma: “Assim como para traçar uma linha reta ou um círculo perfeito, perfazendo-os a mão, muito importam a firmeza e o desempenho, mas pouco ou nada importam usando a régua e o compasso. O mesmo ocorre com o nosso método” (Bacon, 2000/2003, p. 22).

Assim, pode-se afirmar que a utilização de certos instrumentos afasta a atuação humana dos limites do *antropos*, das disposições subjetivas, onde os instrumentos não só apoiam uma atuação mais precisa, mais padronizada, mais distanciada e independizada de capacidades, talentos ou debilidades subjetivos – que são, em todo caso, pressupostos –, mas, principalmente, constituem vias e condutos de acesso e passagem à realidade existente em si.

Nesse sentido, são interessantes as seguintes palavras de Lukács:

“.../ as lentes não desantropomorfizam, mas sim, o fazem, o telescópio ou o microscópio, pois aquelas restabelecem simplesmente a relação normal na vida cotidiana do homem inteiro, a qual estava perturbada, enquanto que estes outros aparatos abrem um mundo antes inacessível aos sentidos humanos (Lukács, 1967, p. 192).

É apenas certa disposição tecnicamente ajustada de duas lentes, uma em posição côncava, outra em posição convexa, num tubo etc., que produz o dispositivo de aumento do alcance e do acesso da visão ao em si da realidade material, objetiva, física.

O segundo ponto remete, remonta, às já aludidas repercussões dos chamados avanços contraditórios do reflexo desantropomorfizador sobre as concepções de mundo. Tem-se em vista aqui, por exemplo, as intersecções e as repercussões dessas descobertas científicas sobre as concepções de mundo dos agentes e das classes sociais às voltas com essas descobertas, o que dá a dimensão e o sentido mais amplo dessas aquisições particulares e das lutas e formas subjetivas intencionadas, interessadas, que elas envolvem e implicam.

O terceiro ponto, também já comentado mais acima, diz respeito às repercussões dessas duas correntes capitais sobre as individualidades humanas, sínteses máximas de todas as

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

ordens de determinação social. Repercussivas, por exemplo, sobre o sentimento vital, a emocionalidade, os valores, a moral, dos indivíduos, nessas circunstâncias determinadas.

Tome-se, por exemplo, Pascal, reconhecido como um potente cientista, com aquisições de peso para os avanços de saberes particulares, para os conhecimentos matemáticos, para o avanço da ciência, ao mesmo tempo em que constitui um expoente do sentimento vital de desespero, do sentimento do abandono do homem no mundo, do abandono do mundo por Deus.

No fundo, tem-se aqui o aludido problema do protagonismo: se um protagonismo humano, assentado em forças sociais, terrenas, cismundanas, suficientes para orientar e subordinar racional e praticamente os fenômenos e os processos da realidade, ou se, na incipienteza dessas forças sócio-materiais, tem-se a vigência de um protagonismo de forças e formas transcendentais, humanamente projetadas e materializadas.

Nesse ponto, não se pode desconsiderar que as mesmas aquisições do reflexo desantropomorfizador podem despertar afetos díspares, distintos, mesmo opostos e contrapostos, num gradiente extensivo do entusiasmo ao desespero, conforme elaborações e respostas dadas por individualidades que respondem sempre num âmbito e numa margem que carregam também os traços da singularidade social.

Tampouco se pode confundir a clara posição do autor da *Estética*, de acordo com o qual, em sentido mais geral,

o reflexo desantropomorfizador da realidade é um instrumento com o qual conta o gênero humano para poder desenvolver-se, para dominar seu mundo; e há que ter sempre presente, ademais, que esse processo o é, precisamente, do evolver humano da ampliação e aprofundamento de suas capacidades, e da concentração de todas elas: as consequências desse processo para a personalidade de conjunto são incalculáveis (Lukács, 1966, p. 190).

Cabe avançar, por fim, para a outra referência forte, aludida acima, do maquinismo, da revolução industrial, que correspondem, nas teses e argumentos de Lukács, a avanços do reflexo desantropomorfizador numa dinâmica contraditória, na modernidade burguesa.

O que se tem em vista aqui, tomando por referência grandes traços e contornos, é o processo que vem desde a dissolução do feudalismo, de avanços de capacidades e de forças

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

produtivas sociais, de instrumentos e meios de produção, desde os referidos renascimento comercial e urbano, do ressurgimento das trocas mercantis, do mercantilismo, das feiras e dos burgos desde a chamada Baixa Idade Média, das grandes navegações, na direção de um mercado mundial etc.

Tome-se por referência as corporações de ofício, as oficinas e os trabalhos dos mestres artesãos, dos aprendizes, num modo de organização dos meios, dos instrumentos e dos processos da produção, das possibilidades e da potência da conjugação do saber e do saber fazer na unidade orgânica do “caracol e da concha” (Marx, 2013, p. 298), para lembrar uma expressão de Marx.

O que se dá no transcurso e nos avanços de mecanismos mais complexos, articulados em processos sócio-materiais mais densos, mais extensos e mais intensos, mais saturados de determinações sociais, como aqueles que se desdobram nas formas da cooperação, da manufatura, e no alavancamento e na constituição da grande indústria capitalista.

Trata-se, pois, de um processo multissecular que se traduz e expressa na separação daquela unidade orgânica “do caracol e da concha”, quer dizer, que se traduz e expressa na destituição dos meios de produção e dos meios de subsistência dos produtores, dos trabalhadores, dos mestres de ofício e dos artesãos da Idade Média, assim como dos camponeses, em processos de acumulação originária de capital, em avanços na direção da grande indústria, do capital industrial, com sua maquinaria e seus sistemas automáticos. Ocorre aí uma inversão onde o princípio subjetivo e os ditames do *antropos* são infletidos e subordinados aos imperativos de engrenagens, movimentos e processos autômatos, objetivos, dos quais o *antropos* se torna mero apêndice.

Essas bases sócio-materiais alçam a um novo patamar as capacidades e as exigências de um reflexo desantropomorfizador na ciência, para aplicações técnicas de saberes da mecânica, da física, da química etc., em processos produtivos que reposicionam o lugar e a função das disposições subjetivas, subordinadas a princípios e necessidades de um em-objetivo, autômato, sob propriedade e fins capitalistas, para o que concorre o avanço do emprego de energias e forças motrizes não humanas, naturais, na base dos movimentos das engrenagens industriais.

Essas considerações indicam que o capitalismo move-se orientado pelos imperativos de aprimoramento incessante, contínuo e crescente de desenvolvimento e de

incremento permanente dessas forças e capacidades produtivas, de meios de produção, de instrumentos e aparatos técnico-científicos e tecnológicos cada vez mais potentes e sofisticados, quer dizer, dirigindo demandas cada vez mais complexas à racionalização da prática, ao desenvolvimento do trabalho e da ciência, aos avanços do reflexo desantropomorfizador nesse metabolismo do ser humano com a natureza, intermediado pela grande indústria.

Por outro lado, o capitalismo, no seu evolver, nos seus processos de produção e reprodução, materializa e expressa um conjunto crescente de contradições que vão, desde certa altura dos processos de acumulação, estreitando e mesmo extirpando as condições de possibilidade de expressão racional, científica, desantropomorfizadora, das suas formas e estruturas societárias, estreitamento e impossibilidade de uma racionalidade em condições de traduzir e vocalizar os fundamentos e a totalidade das relações sociais, sob pena de contradizer os interesses materiais, de classe, dominantes nessa forma de sociedade.

De modo que se renova e atualiza, no evolver contraditório do capitalismo, a tese da “dupla verdade” (Lukács, 1967, p. 184) enunciada já no século XVII pelo Cardeal Belarmino, nas contendas e disputas em torno das descobertas de Galileu Galilei: admite-se um padrão de racionalidade desantropomorfizador no que tange aos interesses e às realizações prático-econômicos em jogo, mas não a sua generalização e suas implicações em relação à concepção de mundo. Numa palavra, sob orientação da racionalidade pragmática, mantém-se as portas abertas a novas formas religiosas e novas formas de subjetivismo, todas antropomorfizadoras no que tange às explicações da sociabilidade.

Considerações finais

As aproximações aqui procedidas a teses e argumentos de *A peculiaridade do estético* atestam o estabelecimento de vias distintas e divergentes daquelas comumente admitidas e percorridas pela filosofia da ciência vigente no pensamento moderno e na academia nos dias de hoje, vias que, ademais, conduzem a resultados muito diversos e mesmo contrapostos.

O inusitado das teses ora examinadas consiste, ao menos em parte, no interesse em buscar as formas do conhecimento, entre eles, o científico, em esferas quase sempre descartadas pela filosofia moderna e contemporânea, quer dizer, nas relações e categorias sócio-materiais

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

da produção e reprodução social, instância na qual o saber é afirmado primariamente como predicho e requisito *sine qua non* das próprias condições de possibilidade dos processos de identificação humana, social, em sua plêiade de contradições.

Nesse âmbito, as formas do reflexo, do comportamento e da atuação humana nos seus processos autoconstitutivos, objetivos e subjetivos, abertos, na história, não correspondem, obviamente, a formas meramente imediatas, mecânicas ou automáticas.

A sujeição dos objetos, da materialidade e dos processos da natureza a desígnios humanos coincide com o surgimento da relação entre sujeito e objeto, equalizada, assim, à relação entre produtor e produto.

Os imperativos de atuar criativa e transformativamente observando e considerando, em diferentes graus e níveis de exigência, as categorias da realidade, existentes pré e supateoricamente, coincidem, pois, com as exigências de um reflexo, um comportamento e uma atuação em algum grau e alguma medida desantropomorfizadores.

A ciência, por seus meios e seus fins específicos tende, em geral, a potencializar esses expedientes e seus resultados. O que não ocorre no vazio de determinações sociais concretas, nem na ausência de sua expressão nas sínteses máximas das determinações sociais: as próprias individualidades humanas.

Conforme argumentado, as capacidades do reflexo, do comportamento e da atuação orientadas pelo princípio da desantropomorfização imbricam-se à forma da sociedade e às concepções de mundo em questão e em disputa, especialmente, nas sociedades contraditórias, de classe.

No evolver do capitalismo, o reflexo desantropomorfizador avança na relação direta do incremento de forças e capacidades produtivas nas relações contraditórias da propriedade privada dos meios e das resultantes da produção social, e avança na relação inversa das possibilidades de um saber de si do humano em relação à sua sociabilidade, ao seu próprio ser e destino, ao seu “de onde para onde”.

Referências Bibliográficas

BACON, Francis. *Novum Organum*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2000/2003.

AS VIAS CONTRADITÓRIAS DA DESANTROPOMORFIZAÇÃO DO REFLEXO...

Marlon Garcia da Silva

GALILEI, Galileu. *O ensaiador*. In: Bruno, Giordano. Sobre o Infinito, o universo e os mundos. Col. Os pensadores, 3^a Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LUKÁCS, Georg. *Estética I: la peculiaridad de lo estetico*. Barcelona; México: Grijalbo, 1966 [4V].

_____. *Conversando com Lukács* – entrevista a Léo Kofler, Wolfgang Abendroth e Hans Heinz Holz. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I – O processo e produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.